

12º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2021

A CIDADE E OS “OUTROS”: a presença negra no desenvolvimento urbano da Vila Matilde

GISELLY B. RODRIGUES¹, TAINÃ A. V. DOREA²

¹ Professora e pesquisadora do Departamento da Construção Civil do Instituto Federal de São Paulo (IFSP) Campus São Paulo e integrante do Núcleo de estudos Afro-brasileiros e Indígenas - NEABI. Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Mackenzie (2018), giselly.barros@ifsp.edu.br.

² Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Bolsista PIBIFSP, IFSP, Câmpus São Paulo, taina.dorea@aluno.ifsp.edu.br.
Área de conhecimento (Tabela CNPq): 6.05.01.04-9 História Urbana

RESUMO: A presente pesquisa busca estudar os territórios negros no distrito da Vila Matilde, localizado na Zona Leste de São Paulo, de forma a analisar a presença do negro na dinâmica urbana paulistana, a partir da ótica decolonial do saber urbano, além de realizar o estudo historiográfico do bairro através do reconhecimento das territorialidades negras na área, com base em pesquisa bibliográfica e em acervos públicos. Esses estudos justificam-se pela invisibilidade do negro nos estudos urbanos, fazendo-se necessário entendê-lo além da figura do “outro”, subalterno, sujeito à lógica do colonizador. Nesse cenário, assim, compreender a relação entre as dinâmicas urbanas, as sociabilidades negras e a cultura afro-diaspórica além da marginalização e do esvaziamento pautado no etnocentrismo configura-se como fonte historiográfica da cidade, embora a presença negra no espaço urbano tenha se dado através de disputas e repressões. A partir disso, foram estudados os territórios negros a partir das rodas de samba da Nenê de Vila Matilde e Flor de Vila Dalila, além das batalhas de poesia representadas pelo Slam da Guilhermina. Essas manifestações culturais são classificadas com base no termo cunhado por Ana Lucia Souza (2009), “reexistências”, configurando-se não apenas como resistências, mas também como novas formas de existir.

PALAVRAS-CHAVE: Vila Matilde; memória; territórios negros; samba; slam; identidade

THE CITY AND THE “OTHERS”: THE BLACK PRESENCE IN THE URBAN DEVELOPMENT OF THE VILA MATILDE

ABSTRACT: This research seeks to study the black territories in the district of Vila Matilde, located in the East Zone of São Paulo, in order to analyze the presence of blacks in the urban dynamics of São Paulo, from the decolonial perspective of the urban studies, in addition to realize a study of the neighborhood's history through the black territories, based on bibliographic research and public collections. These studies are justified by the invisibility of black people in the urban studies, making it necessary to understand them beyond the figure of the “other”, subordinate, subject of the logic of the colonizer. In this scenario, understanding the relationship between urban dynamics and the black sociabiliteis and afro-diasporic culture beyond the marginalization and emptying based on ethnocentrism, is configured as a historiographical source of the city, although the black presence in the urban space has occurred through disputes and repressions. From this, the black territories were studied from the samba circles of Nene de Vila Matilde and Flor de Vila Dalila, and the slam poetry represented by the Slam of Guilhermina. These cultural manifestations are classified based on the term coined by Ana Lucia Silva Souza (2009), “reexistences”, configuring themselves not only as resistance, but also new ways of existence.

KEYWORDS: Vila Matilde, memory, black territories, samba, slam, identity

INTRODUÇÃO

São Paulo, em sua multiplicidade complexa historiográfica, foi pautada em segregação e exclusão. A formação de diversos bairros da Zona Leste e a reterritorialização dos negros nessas regiões no pós-abolição (1888) exemplificam esse processo, ambos submetidos ao apagamento. Frente a tal, o recorte racial do objeto de pesquisa, os bairros do distrito da Vila Matilde, entendendo-os a partir das territorialidades negras que se fundamentaram no pós-abolição, pautadas no samba e no slam, mostra-se fundamental para entender regiões não-centrais e manifestações afro-diaspóricas como fonte de memória urbana e produção identitária.

Esse apagamento torna-se ainda mais evidente no estudo de áreas não-centrais, tal como áreas da Zona Leste de São Paulo, considerando que tais espaços já são poucos explorados pela historiografia, havendo a necessidade de uma abordagem crítica de tais áreas. Essa invisibilização é reiterada por outros estudos que abarcam a figura do negro na história da cidade de São Paulo, na Zona Leste, tal como a tese “Negros em Guaianases: cultura e memória”, de Sheila Alice Gomes da Silva (2016), que abarca a memória negra, num recorte temporal de 1930 a 1960, no bairro paulistano de Guaianases, permitindo verificar a relação entre a formação de territorialidades negras e a formação de bairros da Zona Leste de São Paulo, além do estudo de Marcelo Vitale (2018), “Territórios Negros em Trânsito: Penha de França”, que reitera a importância da população negra no bairro da Penha de França.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa tem como base o levantamento bibliográfico para análise da literatura acadêmica sobre o tema da pesquisa, de forma a compreender as relações entre as dinâmicas e sociais urbanas, a população negra no pós-abolição e a formação da Zona Leste e dos bairros que compõem o recorte espacial da pesquisa, além de compreender a importância historiográfica dos territórios negros nos bairros do distrito da Vila Matilde. Busca-se, através do levantamento bibliográfico, não apenas a revisão das perspectivas propostas, como a ampliação das discussões, a partir da proposição de um referencial teórico que resgate análises e estudos de autores negros e negras sobre a temática, também submetidos ao processo de invisibilização, tal como a leitura de obras de Abdias Nascimento, Lélia González, Beatriz Nascimento, que permitem compreender as relações raciais empreendidas no país e que impactam na formação urbana paulistana.

A oralidade também ganha destaque na metodologia, quando as histórias orais dos protagonistas que participaram diretamente da formação dos territórios abordados foram imprescindíveis para a compreensão das relações entre as territorialidades levantadas, tal como os relatos de Alberto Alves da Silva, fundador da Escola de Samba Nenê de Vila Matilde, e Cláudio Adão, o seu Mantega, diretor cultural da Escola de Samba Flor de Vila Dalila.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Evidencia-se a correlação entre a produção do espaço urbano e a formação dos territórios negros, considerando que, nesse período, observa-se o processo de exclusão dos negros nas áreas centrais em decorrência de um ideário de modernidade urbano pautado no modelo europeu, proveniente de uma elite em ascensão que surge num contexto de alteração socioeconômica na cidade devido a economia cafeeira. Esse ideário desdobra-se em políticas públicas que dispersam os negros de pontos de interesse dessas remodelações urbanas, tal como a realocação do Chafariz da Misericórdia, um local de espaço de convívio negro, do Largo da Misericórdia para o Largo de Santa Cecília, além da demolição da Igreja do Rosário dos Homens Pretos do antigo Largo do Rosário para o alargamento das vias e a implantação da Praça Antônio Prado, ato que foi responsável pela reconstrução da Igreja no Largo do Paissandu.

Já na gestão de Raymundo Duprat (1911-1914), a expulsão da população negra das áreas centrais relaciona-se diretamente com a formação dos territórios negros na Barra Funda, quando a iniciativa de construção da Praça da Sé e remodelação do Largo Municipal foram responsáveis pela

demolição de diversos cortiços, hotéis e pensões da região (ROLNIK, 1989). Aliado a isso, observa-se as políticas de embranquecimento pautadas na vinda de imigrantes, influenciadas pelas práticas eugenistas de intelectuais como Sílvio Romero, Arthur de Gobienau, Joaquim Nabuco, Renato Kehl e Paulo Prado.

Dessa forma, a urbanização decorrente da industrialização e da implantação de linhas férreas, tal como a Central do Brasil, responsável pela formação de diversos bairros na Zona Leste (MARINOVIC, 2006), revela-se o mesmo processo que invisibiliza o negro na dinâmica urbana.

Nesse contexto, no entanto, observa-se a migração dos negros das áreas rurais do estado para a cidade de São Paulo, ocupando bairros como Liberdade, Bixiga, Vila Matilde, Jabaquara, Bosque da Saúde, Lavapés e Barra Funda (DOMINGUES, 2019). Nesse processo de reterritorialização, emergem pontos de sociabilidade e instituições entre esses negros, tal como o cordão da Vai-Vai na Barra Funda, a escola de samba do Lavapés de Madrinha Eunice e Francisco Pinga no bairro do Lavapés e a Nenê de Vila Matilde no Largo do Peixe, no bairro da Vila Matilde.

A reversão do quadro de embranquecimento, após 1940, tendeu a aumentar, já que “de uma maneira geral, em São Paulo, observa-se um aumento da proporção de pretos e pardos - de 10,23% da população, em 1950, para 23,3% em 1980” (ROLNIK, 1989, p.87), principalmente devido às migrações de Pernambuco, Bahia e Minas Gerais para São Paulo.

Nesse contexto de periferização, observa-se a expansão de manifestações culturais que denunciam esse processo, como a cultura hip-hop, que ressalta a segregação e a violência, em forma de reivindicações. A poesia ganha destaque nesse processo através dos saraus periféricos promovidos por Sérgio Vaz e Férrez, tal como a Cooperifa (Cooperativa Cultural da Periferia), fundada em 2001. O intercâmbio cultural entre centro e periferia culmina no surgimento do slam poetry (RAMOS, 2017), importado de Chicago por Estrela D’Alva, em 2008, a partir da formação do ZAP (Zona Autônoma da Palavra) Slam, que influencia a criação do primeiro slam em espaço público do mundo, ao lado do metrô Guilhermina-Esperança, o Slam da Guilhermina.

Nesse contexto, distrito da Vila Matilde, composto por bairros como Vila Talarico, Vila Dalila, Vila Guilhermina, Vila Eutália, Jardim Maringá, Vila Nova Savóia, Chácara 6 de Outubro, Cidade Patriarca, Vila Aricanduva, dentre outros -, evidencia-se no recorte racial urbano a partir das territorialidades negras que pontuam e pontuaram seu espaço, fundamentadas a partir de redes de sociabilidades, que constituem-se como uma forma de compartilhamento da identidade negra a partir da ocupação de determinado espaço, tal como rodas de samba e pagode, organizações dos Movimentos Negros, bailes de música negra, irmandades religiosas e práticas religiosas de matriz africana, que culminam numa identidade territorial, o que caracteriza o território. No recorte espacial proposto, exemplifica-se através da Nenê de Vila Matilde e as rodas de samba que ocorriam no Largo do Peixe, no atual bairro da Vila Talarico, no final da década de 1940, as rodas de samba da Flor de Vila Dalila, que aconteciam nas várzeas do Rio Aricanduva e nas ruas do bairro da Vila Dalila, na década de 1970, bem como as rodas de Slam que pontuam a Vila Guilhermina desde 2012.

Em 1989, a Vila Matilde consistia na única região da Zona Leste com a concentração acima da média de negros do município e da Grande São Paulo, de 26%, com 27% de não-brancos na constituição da população (ROLNIK, 1989). Atualmente, no entanto, o distrito apresenta 25,7% da população de pretos e pardos.

As relações entre a formação dos territórios negros e as dinâmicas urbanas são intrínsecas, tal como coloca Tiarajú D’Andrea (2019), quando relaciona a formação das rodas de samba da Nenê de Vila Matilde, no Largo do Peixe, aos assentamentos populares, que decorrem da existência da Estada de Ferro Central do Brasil, que interligava São Paulo ao Rio de Janeiro, à alta concentração da população negra, e a tradição carnavalesca do bairro contíguo ao atual distrito da Vila Matilde, denominado Vila Esperança (D’ANDREA, 2010). Para a pesquisa proposta, torna-se relevante compreender as rodas de samba que ocorriam no Largo do Peixe na década de 1940 até o seu processo de desterritorialização, em 1967, quando as rodas de samba da Nenê da Vila Matilde mudam-se para a quadra do Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Nenê da Vila Matilde, para o distrito da

Penha, que culmina no abandono do Largo, como observado pela notícia do Jornal “Diário da Noite”, em edição do final da década de 1979:

Há coisas que a população do Largo do Peixe e das proximidades não entende. Uma delas é o abandono em que se encontra o tradicional ponto de encontro da Vila Matilde. Afinal de contas, ali no Largo do Peixe nasceu hoje tão famosa “Nenê de Vila Matilde” (SRS. da Regional da Penha, anotem o endereço da Vila Matilde, 1979, p.6).

Os relatos de Alberto Alves da Silva - conhecido como seu Nenê, um dos fundadores da escola de samba -, presentes no livro da jornalista Ana Braia (2000), “Memórias do Seu Nenê de Vila Matilde”, permitem resgatar esse espaço como território negro, bem como entender a sua relação com o processo de ocupação e formação urbana da área, conforme explanação do Seu Nenê, que afirmava que no início, “quando nós começamos a fazer as nossas brincadeiras ali, o lugar era só mato, brejo, e não era chamado Largo do Peixe” (SILVA, 2000, p.41). Além disso, comenta sobre o antigo nome popular do lugar denominado “Largo do Bar Madeira”, devido ao bar de um português vindo da Ilha Madeira, embora também chamado de Largo do Peixe, já que ali havia comerciantes que vendiam peixe: “Esses comerciantes trabalhavam com caminhão e durante muito tempo a escola foi para os desfiles naqueles caminhões.” (SILVA, 2000, p.41).

As rodas de samba de Flor da Vila Dalila, do bairro da Vila Dalila, também permitem correlacionar o processo urbano à presença negra. A alta concentração de negros morando nas várzeas do Rio Aricanduva, devido ao baixo preço dos lotes na região, influencia no surgimento da Flor de Vila Dalila, iniciada no campo de futebol do time Margarida, atual Avenida Dalila, nº 700, nas bordas do bairro de Vila Dalila. As rodas de samba da Flor da Vila Dalila pontuam o bairro no final da década de 1960 até a sua fundação, em 1973, na casa de Antônio Carlos Rosa, o seu “Brandão”, na Rua José Piedade, nº 21. Os relatos de Cláudio Adão, para o Museu da Pessoa, também permitem compreender a ocupação das ruas e a importância dessa apropriação do espaço urbano:

Naquela época a gente ensaiava na rua, hoje não, você tem som, a gente ia pra rua, não tinha o problema de Psu ainda (ADÃO, 2015).

Atualmente a quadra da Flor da Vila Dalila localiza-se onde as rodas de samba se iniciaram, nas antigas várzeas do Rio Aricanduva, na Av. Dalila, nº 700. Diferentemente da Nenê da Vila Matilde, o vínculo entre o bairro e a escola de samba mostra-se ainda presente, de forma que a Vila Dalila é considerada, por seus moradores, como um quilombo, conforme relatos orais do historiador Paulo Rafael.

Essas formações dialogam com a procura de lazer e ocupação do espaço público diante das problemáticas da vida periférica, considerando que os novos loteamentos na região não eram providos de equipamentos públicos e culturais “como teatros, galerias de arte, universidades, ruas e avenidas arborizadas” (DORO, 2006, p.33).

Vanir de Lima Belo complementa essa visão, relacionando tais sociabilidades à vida familiar e à vizinhança, em que o “o sentimento de pertencimento ao lugar e moradia eram muito significativos” (BELO, 2008, p.28).

Nessa análise, as alterações urbanas que ocorreram após 1970 ganham destaque na formação de territorialidades negras no século XXI, principalmente após as alterações viárias, como a construção de avenidas junto aos rios e alargamentos de vias (MARINOVIC, 2006), além da implantação da segunda linha de metrô, a Linha 3 – Vermelha. Esse contexto traz em si outras manifestações culturais, num cenário em que a falta de equipamentos persiste na região.

Essa nova organização urbana na Zona Leste, aliada à crescente literatura marginal periférica, tal como os saraus da Cooperifa, na Zona Sul, e à cultura hip hop, influenciam diretamente a formação do slam da Guilhermina instaurado ao lado da estação de metrô Guilhermina-Esperança, que atrai jovens periféricos, especialmente negros, a partir da denúncia da sua própria realidade em batalhas de poesia. O Slam constitui-se como a primeira batalha de poesia do mundo a ocorrer em espaço público, quando seus antecessores, como o ZAP! (Zona Autônoma da Palavra), ocorriam em espaços

fechados, embora a entrada fosse gratuita, enquanto em diversos países o slam configura-se como uma manifestação artística paga, realizada dentro de espaços privados.

A falta de iluminação no local fez com que os membros utilizassem um lampião, símbolo atual do slam. Outro elemento de destaque do espaço utilizado pelo slam é a árvore denominada pelos integrantes de Baobá, ao redor da qual os participantes se encontram.

Dessa forma, o estudo do Slam da Guilhermina e as suas relações com o processo de urbanização da Zona Leste, abarcando sua formação, em 2012, até 2021, torna-se relevante para a compreensão da figura do negro no distrito da Vila Matilde e os seus intercâmbios e disputas, além de compreender os territórios negros contemporâneos.

O estudo, assim, mostra a relação direta entre as transformações urbanas empreendidas nos bairros do distrito e a ocupação negra na região, fundamental para a formação das territorialidades elencadas.

CONCLUSÕES PARCIAIS

A partir do exposto, as manifestações culturais que caracterizam os territórios negros mostram-se determinantes na dinâmica urbana paulistana, constituindo fontes historiográficas, considerando que as sociabilidades empreendidas no espaço urbano são determinantes na demarcação desses territórios negros. Na segunda etapa da pesquisa serão analisados o levantamento bibliográfico e a documentação angariada na pesquisa. Além disso, serão realizados gráficos de análise da quantidade de autores negros e negras, mulheres, autores africanos e latino-americanos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao PIBIFISP/CNPq pelo financiamento à pesquisa, e à minha orientadora, Giselly Barros Rodrigues, pelas discussões e descobertas acadêmicas, além do apoio emocional, confiando no meu potencial. Também aos meus pais, pelo incentivo aos estudos, e aos meus amigos, pelo apoio e pelo auxílio na construção dessa trajetória acadêmica. E, por fim, aos atores que auxiliaram na construção dessa história, tal como Paulo Rafael, Cristina Assunção e Cláudio Adão (Manteiga).

REFERÊNCIAS

ANDREA, Tiaraju D'Andrea. Segregação socioespacial e escolas de samba na cidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao40/materia04/>>. Acesso em: 26 jul. 2021.

BELO, Vanir de Lima. O enredo do carnaval nos enredos da cidade: dinâmica territorial das Escolas de Samba em São Paulo. Dissertação de Mestrado. São Paulo, USP, 2008.

BRAIA, Ana. Memórias do Seu Nenê de Vila Matilde. São Paulo: Lemos-Editorial, 2000.

DORO, Maria da Penha Marinovic. Vila Nova Savóia. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 2006, série História dos Bairros de São Paulo, v. 28, 160p.

MESTRINEL, Francisco de Assis Santana. A batucada da Nenê de Vila Matilde: formação e transformação de uma bateria de escola de samba paulistana. Dissertação de mestrado. Campinas: UNICAMP, 2009.

MUSEU DA PESSOA. História - Paixão pelo Carnaval, história de Cláudio Pedro Barbosa Adão. Disponível em: <<https://acervo.museudapessoa.org/pt/conteudo/historia/paixao-pelo-carnaval-99330>> Acesso em: 10 jun. 2021.

NOGUEIRA, Azânia Mahin Romão. Territórios negros em Florianópolis. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2018.

ROLNIK, Raquel. A cidade e a lei. Legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel: Fapesp, 1997.

ROLNIK, Raquel. Territórios Negros nas Cidades Brasileiras (etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro). Disponível em: <<https://raquelrolnik.files.wordpress.com/2013/04/territ3b3rios-negros.pdf>> Acesso em 20 jul. 2021.

SILVA, Sheila Alice Gomes da. Negros em Guaianases: cultura e memória. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC-SP, 2015.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. Letramentos de Reexistência: Culturas e identidades no movimento hip hop. Orientadora: Profa Dra Angela B. Kleiman. Tese de doutorado. Campinas, IEL-UNICAMP, 2009, p.33.